

UM ESTUDO DOS GÊNEROS ORAIS AULA ESPETÁCULO E AULA *SHOW*

A STUDY OF THE ORAL GENRES AULA ESPETÁCULO AND AULA *SHOW*

Daniervelin Renata Marques PEREIRA*

RESUMO: Este artigo dedica-se à caracterização da Aula Espetáculo (AE) e da Aula Show (AS), bem como ao estabelecimento da diferença entre elas, discutindo se AE e AS são ou não realmente novos gêneros. São consideradas ainda as semelhanças e diferenças com outros gêneros, como o espetáculo, a aula, a conferência e a oficina. Para isso, utilizamos as categorias de gênero a partir de Bakhtin. Observou-se que a Aula Espetáculo é um gênero que mescla características de aula e espetáculo em torno de questões de arte e cultura popular, com exposição e exibição de e sobre essas questões. Já a Aula Show é um gênero de realização curta, que emerge no interior de outro, mais rotineiro, a aula, trazendo uma nova cenografia e destacando-se por seu tom informal e lúdico.

PALAVRAS-CHAVE: Aula Espetáculo. Aula Show. Gêneros orais. Ensino.

ABSTRACT: This article deals with the characterization of the Aula Espetáculo (AE) and the Aula Show (AS), as well as the establishment of the difference between them, discussing whether AE and AS are really new genres. Also considered are the similarities and differences with other genres, such as the show, class, conference and workshop. For this, we use the genre categories from Bakhtin. It was observed that the Aula Espetáculo is a genre that mixes class and show characteristics around questions of art and popular culture, with exposition and exhibition of and on these issues. The Aula Show is a genre of short performance, which emerges in the interior of another, more routine, the class, bringing a new scenography and highlighting by its informal and playful tone.

KEYWORDS: Aula Espetáculo. Aula Show. Oral genre. Teaching.

1. Introdução

Voltamo-nos aqui para a caracterização da Aula Espetáculo (AE) e da Aula *Show* (AS), bem como para a diferença entre elas. Ao nos debruçarmos nessa caracterização, é nosso objetivo confirmar se seriam ou não a AE e a AS realmente novos gêneros, considerando as semelhanças e diferenças com outros gêneros, como o espetáculo, a aula, a conferência e a oficina.

O que primeiro chama a atenção nos casos em análise é a definição. Se tomarmos a definição de “espetáculo” do dicionário Houaiss (2009), encontramos as seguintes acepções:

* Professora da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais. Doutora em Letras pela USP. daniervelin@gmail.com

- 1 aquilo que chama e prende a atenção
- 2 qualquer apresentação pública de teatro, canto ou dança, num palco, em praça pública etc.
- 3 Derivação: por extensão de sentido. Regionalismo: Brasil. Uso: informal.
alguém ou algo excepcionalmente interessante, bom, bonito e/ou vistoso
Exs.: *este carro é um e., faz 15 km por litro*
a aula dele é um e.
- 4 Uso: ironia.
discussão, briga ou cena escandalosa.

Especialmente a segunda acepção remete à natureza pública e artística do espetáculo e, na terceira, percebemos ainda a derivação, em que é estabelecida relação de qualidade: “a aula dele é um espetáculo”. Tudo indica que a origem de AE tenha se dado nessa mistura: entre o sentido denotativo e o conotativo.

Para “aula”, na acepção mais tradicional, temos: “exposição sobre determinada área de conhecimento, feita por professor e dirigida a um ou mais alunos, geralmente em estabelecimento de ensino”. Porém, é a noção mais geral que parece servir no caso da AE: “ação, gesto, palavra ou obra que constitui um ensinamento, uma lição” (HOUAISS, 2009), porque, como veremos, não se pretende que os eventos de AE ocorram como encontro formal, mas que a aula seja um espaço-tempo de apresentação artística por alguém que é admirado pelo público, ensinando pelo humor e arte os valores culturais selecionados.

Para “*show*” encontramos entre as definições a de “espetáculo” e também o uso informal da locução “um *show*”, remetendo à qualidade: “essa garota é um *show*” (HOUAISS, 2009). Seriam, então, aparentemente sinônimos em termos semânticos, mas diferenciam-se quanto à realização como práticas sociais de Aula Espetáculo e Aula *Show*, especialmente pelo sentido de “aula”. Se no primeiro caso o uso é mais geral, no segundo o que parece valer é a acepção mais tradicional, de aula em estabelecimento de ensino.

Ainda sobre a definição de AE, pudemos verificar que ela tem origem ideológica, já que o principal enunciativo dessas aulas, Ariano Suassuna, rejeita o uso da palavra inglesa, assim como a cultura de “estrangeirização” no Brasil, como podemos perceber pelo trecho a seguir:

(1)

580	46:09	Inf. 1	eu não dou aula show não... eu dou aula espetáculo e show...
581	46:17	Público	((<i>palmas</i>))
582	46:23	Inf. 1	e show na minha terra é uma interjeição de espantar galinha

Trecho da Aula Espetáculo 2, de Ariano Suassuna.

Por fim, queremos distinguir as AE das conhecidas AS que se tornaram conhecidas especialmente nas práticas de cursinhos pré-vestibular. Embora ambos os tipos façam uso de elementos lúdicos, entendemos, e precisaremos confirmar em nossa análise, que as AS se mantêm mais fortemente atreladas à esfera escolar, empregando a ludicidade para facilitar a apreensão e/ou memorização de conteúdos curriculares. Por outro lado, aparentemente, as AE se distanciam das práticas escolares para se aproximar de uma apresentação em que o humor, a história e a arte ganham papel principal. Vale ressaltar que, dada a origem relativamente recente dessas práticas (encontradas em registros digitais com datas de 2007 em diante), há ainda muitos que usam AE e AS como sinônimos. Manteremos aqui a distinção como critério metodológico, de maneira a facilitar a consideração da totalidade de dados selecionados para análise.

Para descrição do gênero, adotaremos os componentes concebidos por Bakhtin (2010): estrutura composicional, temática e estilo, que nos ajudarão também a identificar o estilo dos gêneros pela proposta metodológica de Discini (2012).

2. Caracterização do *corpus*

Esclarecemos que, apesar de o *corpus* usado para esta pesquisa encontrar-se originalmente em formato de vídeo, nossa análise irá se concentrar no conteúdo do áudio. Entretanto, vale salientar que o próprio ato de enunciar se apresenta imbricado de linguagens não verbais, tais como gestos, que surgem na transcrição oral como identidade própria da atividade em sua realização, contribuindo na caracterização do gênero.

Para a descrição e análise do que adotamos provisoriamente aqui como gênero AE, de maneira a verificar essa hipótese, pesquisamos, entre janeiro e março de 2016 no YouTube,

que é o principal espaço de compartilhamento desse gênero (originalmente presencial), as ocorrências e assistimos a dezenove (19) AE disponíveis. Dessas, selecionamos quatro (4) para transcrição e estudo aqui, tomando como método de seleção as que têm traços composicionais mais estáveis. Registramos que 12 das AE assistidas são de Ariano Suassuna (entre 2007 e 2014); uma de Tom Zé (2012); uma de Gilberto Gil (que tem fortes características de uma entrevista) (2014); uma de Luiz Caldas (2015); duas de Antonio Nóbrega (2013; 2015); uma de Romero de Andrade Lima (2015) e uma de Ademir Araújo (2012).

Para comparação e confronto formal, no mesmo período, assistimos a onze (11) AS disponíveis no YouTube (também originalmente presenciais) e selecionamos quatro (4) delas para transcrição e análise aqui, tomando como método de escolha a diversidade de conteúdos e de contextos educacionais. Cinco AS são de Matemática, uma de Português, duas de Química, uma de Geografia, uma de Física e uma geral, preparatória para o ENEM.

Embora as AS sejam mais populares e numerosas, encontramos poucos registros na internet para nossa pesquisa e apenas trechos das aulas. Atribuímos essa escassez de divulgação ao fato de as aulas estarem vinculadas a instituições de ensino e envolverem direito de imagem. Por outro lado, as AE são, em geral, públicas e, normalmente, há interesse em sua difusão.

São assim classificadas as AE e AS selecionadas para esta investigação, sendo todas elas documentadas e transcritas pela autora deste texto e revisadas pelo grupo PETEDI:

Material	Aula Espetáculo 1 (AE 1)
Informante 1	Ariano Suassuna, professor de estética, dramaturgo, romancista, ensaísta e poeta brasileiro, sexo masculino, de João Pessoa, nascido em 16 de junho de 1927 e morto em Recife, 23 de julho de 2014. Foi formado em Direito e atuou como secretário de cultura de Pernambuco.
Data do registro (gravação)	30/04/2011
Duração em minutos	86 minutos e 45 segundos
Site e outras informações pertinentes	Apresentação no SESC Vila Mariana, em São Paulo. Toda a gravação, em vídeo, está disponível no YouTube, sob o título “Aula Espetáculo - Ariano Suassuna SESC Vila Mariana”, publicado pelo usuário SESC São Paulo: https://www.youtube.com/watch?v=IjmKDvQ4knA .

Material	Aula Espetáculo 2 (AE 2)
Informante 1	Ariano Suassuna, professor de estética, dramaturgo, romancista, ensaísta e poeta brasileiro, sexo masculino, de João Pessoa, nascido em 16 de junho de 1927 e morto em Recife, 23 de julho de 2014. Foi formado em Direito e atuou como secretário de cultura de Pernambuco.
Data do registro (gravação)	junho de 2013
Duração em minutos	94 minutos e 29 segundos
Site e outras informações pertinentes	Apresentação na Sala Villa-Lobos do Teatro Nacional, em Brasília. Disponível no YouTube, sob o título “TV Senado Especiais (01/08/2013) - Aula-Espetáculo - Ariano Suassuna”, publicado pelo usuário Rogério Toledo: < https://www.youtube.com/watch?v=yR-aNEQduZw >.

Material	Aula Espetáculo 3 (AE 3)
Informante 1	Antonio Nóbrega, nascido no Recife em 2 de maio de 1952, é músico, cantor, dançarino, autor e ator brasileiro. Começa a se destacar no cenário nacional quando integra o Quinteto Armorial, idealizado por Ariano Suassuna. Está também associado à educação, com experiência de ensino de danças na UNICAMP e no Teatro Escola Brincante.
Data do registro (gravação)	29/04/2013
Duração em minutos	3 minutos e 45 segundos
Site e outras informações pertinentes	Trecho de apresentação no auditório do Instituto Brincante, em São Paulo. Disponível no YouTube, sob o título “Uma Dança Brasileira - Aula-espetáculo com Antonio Nóbrega”, publicado pelo usuário Instituto Brincante: < https://www.youtube.com/watch?v=1YgwAH4cuaE >.

Material	Aula Espetáculo 4 (AE 4)
Informante 1	Ademir Araújo, nascido no Recife em 15 de outubro de 1942, é músico, compositor, arranjador, regente e professor de música. É conhecido como Maestro Formiga e reconhecido por composições e trabalhos sobre frevos, maracatus, cirandas, caboclinhos, bumba-meu-boi e outros gêneros populares.
Data do registro (gravação)	16/03/2012
Duração em minutos	20 minutos e 46 segundos

Site e outras informações pertinentes	Trecho de apresentação no pátio de uma escola em Gravatá, Pernambuco. Disponível no YouTube, sob o título “Aula Espetáculo: E Frevo Continua... - Gravatá – parte 1”, publicado pelo usuário Canal vídeoaulas: < https://www.youtube.com/watch?v=JwYbi0wJmSE&feature=youtu.be >
---------------------------------------	--

Material	Aula Show 1 (AS 1)
Informantes	Homem, professor de matemática do Pré-Vestibular Unioeste, em torno de 30 anos, sem identidade apresentada. Os alunos, sexo feminino e masculino, da rede pública de ensino (requisito divulgado no site da instituição), são egressos do ensino médio (ou prestes a se formar nesse nível), por estarem cursando o pré-vestibular.
Data do registro (gravação)	Sem data exata. Data de publicação: 5/09/2013.
Duração em minutos	2 minutos e 58 segundos
Site e outras informações pertinentes	Trecho de aula do Pré-vestibular da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel-Paraná. Disponível no YouTube, sob o título “Aula show de matemática!”, publicado pelo usuário Pré-Vestibular Unioeste: < https://www.youtube.com/watch?v=AdrmdY5foTU >.

Material	Aula Show 2 (AS 2)
Informantes	Valdikyson Araújo, professor de matemática nordestino, de instituição não identificada, em torno de 30 anos. Alunos não identificados nem mostrados visualmente na filmagem.
Data do registro (gravação)	Sem data exata. Data de publicação: 14/04/2012.
Duração em minutos	5 minutos e 34 segundos
Site e outras informações pertinentes	Trecho de aula de trigonometria. Disponível no YouTube, sob o título “Prof. Valdikyson Araújo / Aula de Matemática Show. (Trigonometria, Se liga nessa Ideia)”, publicado por Priscilla Barbosa: < https://www.youtube.com/watch?v=TvM0S9VLiNo >.

Material	Aula Show 3 (AS 3)
Informantes	Gilberto de Campos Lavras (apelido: Giba), professor de Química, em torno de 50 anos, de São Paulo, onde começou sua carreira em pré-vestibulares. É um professor popularmente conhecido por suas aulas em Pré-Vestibular. Turma de alunos formados ou formandos do ensino médio, em geral adolescentes.
Data do registro (gravação)	Sem data exata. Data de publicação: 24/08/2007.
Duração em minutos	1 minuto e 19 segundos

Site e outras informações pertinentes	Trecho de aula de química no Pré-Vestibular Positivo, em Curitiba. Disponível no YouTube, sob o título “Aula Show Giba - Positivo sede Batel”, publicado por Luciano Romano: < https://www.youtube.com/watch?v=VdsO9mMJ9dY >.
---------------------------------------	---

Material	Aula Show 4 (AS 4)
Informantes	Professora de Geografia, em torno de 35 anos, não identificada. Alunos do 4º ano do ensino fundamental do Colégio Reino do Ensino, São Paulo.
Data do registro (gravação)	Sem data exata. Data de publicação: 19/02/2016.
Duração em minutos	1 minuto e 21 segundos
Site e outras informações pertinentes	Trecho de aula de geografia no Colégio Reino do Ensino, em São Paulo. Disponível no YouTube, sob o título “4º Ano C - Aula Show - Camadas da Terras”, publicado por Colégio Reino do Ensino - IED: < https://www.youtube.com/watch?v=txlyB1Gxmqs >.

Passaremos, agora, à análise das AE e AS tomadas provisoriamente como gêneros. Em seguida, a partir do estudo, retomaremos a discussão da classificação genérica desses enunciados.

3. O gênero oral Aula Espetáculo

3.1 Contextualização

Como observado no conteúdo de nossas transcrições, Ariano Suassuna se coloca como criador da AE:

(2)

57	5:50	Inf. 1	bom... é... eu na/na condição de secretário de cultura... de
58			Pernambuco... eu criei essa tal aula espetáculo e hoje eu dou
59			em todo canto... mas normalmente... lá, eu tô viajando pro
60			interior do estado todinho... e eu levo... eu levo... é...
61			comigo músicos... bailarinos... e cantores... mas aqui num
62			dava pa/pra fazer isso... e lá mesmo às vezes tem
63			dificuldade... então eu criei três tipos de aula... dessas aulas
64			espetáculos que eu dô... é... eu criei a aula plena... sou eu os
65			músicos os cantores e os bailarinos... tem a aula reduzida...

66			sou eu e dois músicos normalmente... o violonista Antônio
67			Madureira compositor também e o violinista/o rabequeiro... e tem a reduzidíssima que sou eu sozinho...

Trecho de Aula Espetáculo 2, de Ariano Suassuna.

Essa AE, nas variações que particularmente o enunciador lhe dá, se constitui como atividade da esfera artística, pela presença de sujeitos que pertencem a práticas de entretenimento, literária e artística, com alguns elementos da prática educacional. Observamos que, mesmo em sua versão “reduzidíssima”, permanece um sujeito que tem formação e atuação heterogênea (o que também observamos nos outros casos): formado em direito, professor, político, dramaturgo, romancista, ensaísta e poeta. Essa configuração da esfera de atividade humana, do gênero textual, da prática social em que circula e do enunciador que dá vida ao gênero nos permite criar a hipótese da novidade, aparente ou efetiva, de alguma mistura no campo dos gêneros e do discurso.

A introdução do gênero AE por Ariano Suassuna também fica clara pelos vários vídeos disponíveis na internet com seu nome e também pelo reconhecimento de quem, como ele e em contato com ele, levou a público sua aula:

(3)

15	1:42	Inf. 1	[...] quem faz aula espetáculo é o mestre Ariano eu vim
16			conversar com vocês... né?... [...]

Trecho da Aula Espetáculo 4, de Ademir Araújo.

Também o autor da AE 3, Antonio Nóbrega, como participante do Quinteto Armorial¹, igualmente trabalhou com Ariano e provavelmente a ideia de sua Aula Espetáculo nasceu desse contato. Assim, socialmente, uma prática vai ganhando forma, disseminando-se e se cristalizando na cultura. Nesse ponto, as AE nada têm de novo.

Há vários registros na internet e é difícil afirmar com exatidão a data da primeira AE. Costa (2011, p. 81), com base em relatos do próprio Ariano, explica que “no ano de 1946, [...] Ariano Suassuna, então com 19 anos de idade, realizou sua primeira aula-espetáculo. Já em 2011, [...] dá continuidade ao seu trabalho em prol da cultura do Estado de Pernambuco”. Apesar dessa remissão ao ano de 2011, encontramos AE de Ariano Suassuna com data de

¹ Grupo de música instrumental brasileiro formado em Recife.

compartilhamento em 2007².

Em um dos registros de AE encontrados no YouTube³, de 2013, o usuário responsável pela publicação, Positivo Studio, descreve: “Com um bom humor peculiar, em meio a histórias, [c]ausos e referências. Ariano defendeu como ninguém a cultura e os valores do povo nordestino, que por muito tempo sofrem as influências do estrangeirismo.” Desse discurso e das AE analisadas, depreende-se que tal gênero se constrói sob uma ideologia nacionalista e regionalista, em que alguns valores, dados como ameaçados pela cultura de massa, são alçados como positivos e de necessária difusão pelas comunidades brasileiras. Em todas as suas AE, Ariano explica que usa esse espaço-tempo para levar “um espetáculo de qualidade” ao povo, pois “não estão dando oportunidade ao povo brasileiro, principalmente aos jovens, de entrarem em contato com o filé... só dão osso a eles” (AE 1, de 2011). Assim também se justificam as outras AE, pela função de divulgar e compreender melhor as artes, de favorecer o acesso à cultura popular e de qualidade. Esses seriam o objetivo e a função social desse gênero.

Em geral, a AE é conduzida por uma pessoa com reconhecida contribuição em uma área artística e que, ao realizar um espetáculo, ou ao trazer pessoas para fazê-lo, também fala metalinguisticamente sobre ele, sobre a arte em si, sua história. Dessa forma, busca-se uma situação de ensino-aprendizagem pela experiência sensível do objeto-alvo e também pela reflexão proposta sobre ele. Concebe-se, assim, que se aprende melhor pela relação teoria-prática, pelo mostrar e demonstrar.

O público destinatário dessa prática é, em geral, numeroso e misto. Não se consegue ter um perfil exato dele, mas, na descrição da AE citada anteriormente, Positivo Studio (2013) afirma que ela foi direcionada “a todos os profissionais da educação do município, escolas públicas e privadas, órgãos municipais, comerciantes, profissionais, escritores e poetas”. Ariano Suassuna, na AE 1, menciona artistas que estão na plateia; Ademir Araújo situa a AE 4 em uma escola, em que se identificam alunos com uniformes e alguns artistas que são chamados em alguns momentos. Em geral, a AE é aberta ao público e não se tem controle de quem o compõe, como se percebe nas chamadas para as AE de Antonio Nóbrega, Ademir

² <<https://www.youtube.com/watch?v=Ni5CHVvh8Lk>>. Acesso em 16 mar. 2016.

³ <https://www.youtube.com/watch?v=53Bq_tgN_Uw>. Acesso em: 22 mar. 2016.

Araújo e Ariano Suassuna, respectivamente:

A Academia Brasileira de Letras convida para a aula-espetáculo "Uma linguagem brasileira de dança", com a presença do instrumentista, cantor e dançarino Antonio Nóbrega. [...] o evento acontece hoje, 24 de setembro, às 18h30min, no Teatro R. Magalhães Jr., com entrada franca e transmissão ao vivo pelo Portal da ABL.⁴

A ideia é realizar uma aula-espetáculo com duração de 02 hora e 30 minutos, com a participação de toda a comunidade escolar e público em geral (Município de Joaquim Nabuco, zona da mata sul/PE).⁵

É com muita alegria que a Escola Pernambucana de Circo recebe em sua sede a Aula-Espetáculo "Tributo a Capiba" de Ariano Suassuna, no dia 04 de julho de 2013, a partir das 20h. O evento será gratuito e será distribuídos convites com 1h de antecedência.⁶

Pelo que se observa, o público enunciatário não busca nas AE apenas informações técnicas da especialidade artística em foco, mas espera diversão, encantamento e aprendizagem que pode advir da interação no evento. Dessa forma, podemos dizer que, se o perfil do apresentador-professor da AE é heterogêneo, o mesmo se pode dizer do seu público.

Muitos vídeos encontrados durante nossa pesquisa são apenas apresentações (de música, dança, culinária, entre outros) ou entrevistas que, pelo fato de serem protagonizadas por uma pessoa famosa ou reconhecida como referência em algo, foram chamadas de "aula *show*" ou "aula espetáculo" e consideradas merecedoras de ampla divulgação (que a internet propicia). Nesses casos, há uma generalização da expressão e uso de "aula" como um grande ensinamento em alguma área. Esses casos foram excluídos da nossa pesquisa e mantidos no *corpus* apenas os que apresentavam caráter didático quanto ao objeto artístico em foco, que foi o primeiro traço estável observado nas primeiras análises.

Cabe também observar que encontramos atividades com características próximas das AE, tais como os Concertos Didáticos, divulgados, por exemplo, na página da Filarmonica⁷. Esses concertos têm como objetivo preparar o público para assistir a um concerto. Consideramos aqui que são atividades afins, mas torna-se importante um estudo futuro mais

⁴ <<http://www.academia.org.br/noticias/aula-espetaculo-com-antonio-nobrega-acontece-na-abl>>. Acesso em: 21 out. 2017.

⁵ <<https://catalogobandasdemusicape.wordpress.com/workshop-e-o-frevo-continua-para-bandas-de-musica/>>. Acesso em: 21 out. 2017.

⁶ <<https://www.facebook.com/events/141490459385403/>>. Acesso em: 21 out. 2017.

⁷ <<http://www.filarmonica.art.br/educacional/concertos-didaticos/>>. Acesso em: 21 out. 2017.

aprofundado para se apurar semelhanças e diferenças em realizações de cada tipo.

3.2 Análise do gênero Aula Espetáculo

Considerando a temática do gênero como a “a esfera de sentido de que trata o gênero” (FIORIN, 2008, p. 5), encontramos dificuldade em determinar qual é a que cabe à AE, pela grande quantidade de temas que podem nela circular: acontecimentos e experiência da vida íntima e profissional do enunciador; casos e histórias que exemplificam e convencem o outro dos valores que se defende ou rejeita; críticas ou elogios a expressões culturais e artísticas, entre outras. Trata-se de uma temática que, ao se referir a assuntos que tangenciam o privado e o público, consolida-se segundo uma função educativa e uma função de entretenimento, relativas a valores culturais populares. Temos um gênero que prevê papéis segundo o fazer persuasivo do enunciador e o fazer interpretativo do enunciatário, instituído aquele como responsável por compartilhar seus saberes acumulados e respeitados, ensinando, emocionando e divertindo este, o público.

Podemos resumir a temática desse gênero, com o risco de a simplificar, como: exposição oral e exibições diversas de e sobre expressões culturais e/ou artísticas populares. Acreditamos que uma *exposição e exibição de* remete ao fazer próprio da atividade espetáculo, enquanto a *exposição e exibição sobre* se identifica com as práticas educativas, na necessidade de pôr o objeto de conhecimento em constante questionamento. Nessa configuração do gênero AE, essas funções se somam na caracterização da temática, pois ao mesmo tempo em que a arte, a cultura, a literatura são postas em prática, elas são constantemente questionadas e explicadas. Ressaltamos que a presença dos temas e figuras “ensino”, “sala de aula”, “didática”, “arte”, “cultura”, “Brasil” são recorrentes no discurso das AE analisadas e reforçam a mistura de elementos artísticos e didáticos. Podemos exemplificar essa temática com um trecho da AE de Antonio Nóbrega, quando ele traz a dança para a cena e lança sobre ela seu olhar analítico:

(4)

18	0:58	Inf. 1	... por exemplo na própria capoeira... você tá dançando aqui a capoeira ((<i>dançando e cantando</i>)) tiquidunpá... tiquidutô... tiquidunpá... os momentos mais interessantes em que eu me
19			
20			

21			expresso são os tempos fluidos... é quando eu tô fora do chão... ((<i>dançando e cantando</i>)) tiquiduntá... tiquindupô... tiquindutá... siquindutũ... é como se dentro da capoeira houvesse uma aberturazinha para que a minha alma falasse mais...
22			
23			

Trecho da Aula Espetáculo 3, de Antonio Nóbrega.

Quanto à construção composicional, a estrutura do texto, notamos alguns aspectos próprios dos gêneros orais em geral e outros próprios do gênero AE. A digressão, por exemplo, é recorrente não só nos textos orais como nos escritos (ANDRADE, 2000). Sendo fruto de relações de relevância tópica, a digressão, como nos explica Andrade (2000, p. 100), pode ser caracterizada como “uma porção textual que não se acha diretamente relacionada com o seguimento precedente nem com o que se segue”, como no trecho a seguir, de uma das AE em análise:

(5)

[...]			
77	7:42	Inf. 1	mas eu vou tentar... uma das coisas que eu fazia como professor... <i>o/o eu já fiz muita coisa nessa vida até advogado eu já fui...</i>
78			
79	7:58	Público	((risos))
80	8:02	Inf. 1	<i>o... o/que me perdoe se tiver aqui alguém que/que é advogado ou tem vocação pra direito... num leve a mal o que eu vou dizer não... eu tô falando de um problema pessoal...</i>
81			
82			
83	8:12	Público	((risos))
[...]			
197	15:10	Inf. 1	[...] enfim... pois bem... então... aí eu fui ser... aí ele [o chefe do escritório de advocacia] mesmo me arranhou um trabalho de... diretor do departamento de extensão cultural... do Sesi... e depois me colocou na universidade como... eu era professor de estética de filosofia da arte... pois bem... pra isso eu tinha vocação... eu/me perdoe a vaidade mas eu era um bom professor... [...]
198			
199			
200			
201			
202			
[...]			

Trecho da Aula Espetáculo 2, de Ariano Suassuna.

O novo tópico, *ser advogado*, que introduz uma digressão lógico-experiencial (ANDRADE, 2000, p. 104), quando o foco da cena discursiva é direcionado para um propósito de natureza pessoal, assume a posição focal e é ressignificado na sequência quando o que é dito, parte do contexto biográfico, estabelece uma relação com o tópico anterior, *ser professor*, a vocação do locutor/enunciador. As digressões são comuns nos casos analisados e

estão relacionadas à temática do gênero AE, já que os causos, histórias e análises costumam despertar outras memórias e questões que se sobrepõem na narrativa oral.

Trata-se de um fenômeno da estrutura do texto que se associa ao contexto da situação. Como evento interativo, o texto oral pode desencadear improvisação, inovação e mudanças no sistema. Nesse sentido, o locutor/enunciador faz escolhas baseado em sua percepção da situação comunicativa, em que associa visão individual a outros contextos (cultural, conhecimento do mundo etc.). Com base nessa percepção, ele cria um simulacro do que espera um público que procura uma sala de teatro/auditório/pátio, especificamente de uma AE. Diante disso, surgem perguntas não feitas pelo público, mas inferidas pelo enunciador, que as responde; autocorrekções, a partir da noção do que o outro não sabe ou do que não está claro na própria fala, como notamos em:

(6)

200	17:01	Inf. 1	[...] então vocês vão perguntar e o que é que isso tem a ver... com a gente e com o Sesc... é porque eu acho... que a minha posição... eu num digo talvez nem a minha posição mas a posição de Ariano Suassuna... tem um pouco o caráter didático... [...]
201			
202			
203			

Trecho da Aula Espetáculo 2, de Ariano Suassuna.

Outros exemplos, próprios da oralidade, que se manifestam na aula espetáculo são: truncamentos, sobreposição de vozes, fragmentação do texto e repetições, entre outros exemplos próprios da AE.

Como estrutura própria do gênero AE, predominantemente dissertativo e com trechos narrativos, vale destacar que ele também acolhe diferentes gêneros da esfera artística (ex.: dança, música, poemas, entre outros) e as multimodalidades envolvidas em seu interior (recursos visuais, sonoros, gestuais, língua e mistos). Observamos, por exemplo, recitação de poemas, especificamente nas AE de Ariano Suassuna (de cor) e Antonio Nóbrega (leitura).

A abertura da atividade é geralmente feita com uma apresentação do artista e professor pelo organizador do evento ou pelo próprio convidado, seguido de palmas da plateia, agradecimento e saudação do artista e professor da aula. Inicia-se, normalmente, com música de fundo. O fechamento se dá, geralmente, por iniciativa do próprio convidado, que agradece a presença e recebe palmas do público. Não foi encontrado, nos textos analisados, espaço para

manifestação do público após a fala do convidado.

No decorrer da AE, é comum um tipo de organização que se repete no desenrolar dos textos:

- A) Lançamento de uma questão/proposta (pode ser o próprio tema da AE);
- B) Afirmações, definições ou citações de determinado autor;
- C) Narração de histórias, em geral engraçadas, que exemplificam a definição, ou apresentação artística (de música, dança, leitura de obras literárias e outros objetos artístico-culturais);
- D) Análise didática com explicações e depreensões a partir das etapas anteriores.

Podemos ver a seguir um exemplo dessa organização:

(7)

A	205 206 207 208	15:10	Inf. 1	[...] então como eu hoje num tenho figurinha pra mostrar eu vou/eu vou fazer essa experiência com vocês... eu vou... eu vou aqui... vou dá uma aula de filosofia da arte... e/e eu garanto qu/que... eu num vou entediar vocês e vocês vão gostar de saber as coisas...
	209	16:31	Público	((palmas))
[...]				
B	593 594 595 596 597 598 599 560 562 563 564 565 566 567 568	47:13	Inf. 1	pois bem... então... eu comecei a querer saber porque é que a gente acha graça em determinadas histórias... e/e num acha em outras... aí eu/eu... a primei/o primeiro grande pensador qui eu encontrei... pra explicar... o que era o cômico... foi Aristóteles... o grande... filósofo grego... anterior a Cristo... vejam que inteligência... aGuda LÚcida... brilhante tinha Aristóteles... ele definiu o cômico... como sendo “uma desarmonia... de pequenas proporções... sem consequências dolorosas”... repare “uma desarmonia...” pois bem eu vou contar uma história a vocês que eu num sei se vocês conhecem num sei se alguém aqui já me ouviu contar... eu tenho a maior admiração por essas histórias... o povo brasileiro é duma criatividade extraordinária... num é? inventa as histórias mais maravilhosas do mundo... que povo inventivo danado é o nosso! às vezes as pessoas dizem – “Ariano você tem uma imaginação danada” – imaginação nada eu copio...
[...]				
C	620 621 622 623 624	52:55	Inf. 1	[...]pois bem... eu dizia uma história inventada pelo povo brasileiro... agora... vejam essa outra... eu tava falando que tem histórias que é o maior mistério porque... não sei se vocês conhecem... é a história de... dos dois cegos que foram passear num bote... diz que eram dois cegos... um...

	625 626 627 628 629 630 631 632 633 634 635			era cego dos dois olhos... e era muito forte... o outro tinha um olho... bom... mas era magro quase paralisado mole... aí um dia um chamou o outro e disse – “vamos dar um passeio de bote?” – # – o outro disse – “cê tá doido rapaz a gente desse jeito” – ele disse – # – “não... você que é forte rema e eu que tenho um olho... vou ali... no leme não é?” – # – ele disse – “ah então vamos” – aí foram quando tava aí começaram ((fazendo o gesto de remar)) no do/domingo... entraram no bote e o forte... remando... e/e... o caolho lá... aí quando eles estavam já no alto mar... o cego forte cego dos dois olhos puxou deu uma puxada assim... o remo escapuliu... e furou o olho bom...
	636	54:24	Público	((risos))
	637 638	54:29	Inf. 1	aí quando ele furou o o/... aí ele disse – “pronto” – quando ele disse “pronto” o outro pensou que tinha chegado e desembarcou...
	639	54:35	Público	((risos))
	640 641	54:36	Inf. 1	agora me diga porque é que a gente acha graça de um diabo de uma história dessa...
[...]				
	643	54:43	Público	((palmas))
D	644 645 646 647 648 649 650 651 652 653 654 655 656 657	54:50	Inf. 1	pois bem... mas vocês vejam o seguinte... e eu tô dizendo isso pra comentar a definição de Aristóteles não sei se ainda estão lembrados “uma desarmonia de pequenas proporções e sem consequências dolorosas”... a primeira coisa que eu fiz foi comunicar a vocês que era uma história inventada... pelo povo brasileiro... então os dois cegos são dois personagens abstratos imunes ao sofrimento não é?... não sofrem eles não existem... e depois mesmo assim... tem um momento perigoso da gente sentir compaixão que aí o riso desaparece... é o momento em que fura o olho... aí de propósito eu fiz o gesto do palhaço ((gesticula como se estivesse remando)) não é? aí eu disse ((repetindo o gesto de tapar os olhos)) pronto aí vocês riram... claro porque eu anestesiiei a sensibilidade de vocês... pra vocês não se aperceberem das possíveis consequências dolorosas da ação...
[...]				
D	786 787 788 789 790 791 792 793 794 795 796 797	1:08:58	Inf. 1	[...] então repare... já passei a vocês três definições não é? O cômico é “uma desarmonia de pequenas proporções sem consequências dolorosas” não é?... Aristóteles... segundo... “o cômico é a súbita redução de uma tensa expectativa a nada...” Kant... agora Freud... “o cômico é a revelação do obsceno do sexual e do obsceno por baixo de palavras de aparência inocente”... num é?... então... é... vocês por aí já têm uma medida de como é interessante... o estudo da filosofia da arte não é? estamos aqui vendo a teoria do cômico... pois bem outra coisa o grande pensador francês Henri Bergson... ele dizia que “o cômico resulta da superposição do mecânico ao vivo”... vejam bem... eu sei

798			
799			
800			
801			
802			
803			
804			
805			
806			
807			

que fica bem difícil entender assim mas eu vou explicar e vocês vão entender... ele dizia que a gente ri quando a gente espera um acontecimento ou uma história é... que tenha a inventividade e a graciosidade da vida... a mobilidade da vida... e... em vez disso o que aparece é alguma coisa de mecanizado de grosseiro... ele dizia uma coisa muito curiosa... por que é que/por que é que a gente acha graça numa queda... ele dizia porque se o espírito... mergulhasse a carne... de tal maneira que a carne também se espiritualizasse nós nunca cairíamos... ao escorregar nós faríamos um movimento gracioso de recuperação... mas a gente cai feito uma tábua...

Trecho da Aula Espetáculo 2, de Ariano Suassuna.

A questão lançada nesse exemplo é “por que algumas histórias são engraçadas?”, dentro da proposta de dar uma aula de filosofia (A). O enunciador parte, então, de definições de autores consagrados: Aristóteles, Kant, Freud e Bergson (B), para, em seguida, contar histórias que ilustram de forma humorada o conceito teórico (C). Ao final, são retomadas as definições para se fazer uma análise do que provoca o riso no público e, didaticamente, responder à questão inicial (D). De uma forma mais simplificada, essa organização também acontece nas AE de Antonio Nóbrega e Ademir Araújo. Em geral, eles abordam um conceito, exemplificam-no artisticamente (pela dança e pela música) e explicam didaticamente a questão sob o ponto de vista histórico ou técnico, por exemplo.

A organização geral da AE, então, se insere dentro de uma estrutura composicional relativamente estável: abertura com música de fundo, em alguns casos apresentação do apresentador-professor por algum organizador, agradecimento, apresentação do próprio apresentador-professor, a sequência organizacional descrita anteriormente, fechamento, agradecimento, despedida em geral com música de fundo.

Podemos dizer que a AE é constituída de dois elementos principais: 1) artístico e 2) didático. Tais elementos se mesclam nas AE, confirmando a temática já apresentada: Ariano Suassuna utiliza histórias engraçadas e apresentações de dança e música, principalmente, para associar saberes populares a saberes científicos; Ademir Araújo, com uma banda, explica várias modalidades e costumes do frevo, danças e ritmos associados; e Antonio Nóbrega dança, ensina uma pessoa da plateia a dançar e explica didática e literariamente os movimentos.

É preciso alertar, entretanto, que não só é possível como esperada a recriação dessa

organização, ou parte dela, dada a flexibilidade e criatividade inscritas nesse gênero e em outros da esfera artística.

Como parte da cenografia, que é o processo de inscrição responsável por traçar um círculo em torno de certa situação enunciativa (MAINGUENEAU, 2008), observa-se o espaço, do *aqui*, dividido em suas partes: o palco ou a frente de uma sala, que pode ou não apresentar uma mesa ou bancada no centro, onde permanece o enunciador; e o espaço da plateia, onde está o público, enunciatário⁸. Em alguns casos, há projeção do título e autor da aula no fundo, como cartaz ou *slide*. O enunciador dispõe de microfone para a comunicação e, em um dos casos analisados, há presença de materiais escritos, o que sugere planejamento. O enunciador também remete a obras e materiais visuais previamente preparados. Prioriza-se na configuração de pessoa o *eu-tu*, já que em geral se relaciona o dito com as vivências do enunciador, sem perder de vista a situação de diálogo que a AE estabelece, ao receber influência das manifestações do público.

Quanto ao momento da enunciação, é o tempo do *agora*, que decorre na sequência de causos, de críticas, de ensinamentos, de apresentação artística e citações que decorrem no período de aproximadamente uma a duas horas de duração cronológica. A enunciação também se ancora nos fatos vividos, no tempo do *então*: há grande número de marcos referenciais pretéritos nas falas dos enunciadores. Pela predominância e manutenção de grande parte dos turnos, o enunciador mantém o turno na maior parte do tempo, o que também fica marcado, no caso do vídeo, no foco das câmeras. A manifestação do enunciatário ocorre em turnos menores, que se realizam em risos, palmas, assovios, algumas respostas curtas, atitudes pontuais de aprovação ou rejeição (como quando o enunciador anuncia o término da apresentação e a plateia grita “não”). Os intervalos de participação dos enunciatários, especialmente com risos e palmas, estabelecem um momento de relaxamento com efeito de sintonia, que favorece também a mudança de tópico, em seguida, pelo enunciador. Um elemento também importante nessa configuração enunciativa é o tempo para as projeções em vídeo ou apresentações presenciais de músicas, de dança e de outras

⁸ Aqui consideramos apenas a situação comunicativa presencial, mas precisamos lembrar que a circulação e recepção do vídeo na internet instaura uma nova situação comunicativa, inclusive com variantes, já que o vídeo em geral é editado.

expressões artísticas, sempre da cultura popular brasileira, que surgem como exemplos práticos da AE. O gênero configura-se, então, em alternância restrita e presença dos interlocutores, conforme síntese:

	Tempo (alternância de vozes com o enunciatário restrita, duração de uma a duas horas)	Espaço (Presença dos interlocutores e do contexto situacional)
Enunciador/Apresentador-professor	Algumas marcas de elaboração prévia. Duração maior das falas, predominância dos turnos.	Presença centralizada (visual e sonora).
Enunciatários/público participante	Sem marcas de elaboração, participação concomitante previsível, duração curta das reações.	Presença parcial (visual e sonora).

Com base nesse quadro, podemos notar que a configuração dos papéis conversacionais e sociais é assimétrica, entre apresentador-professor, que domina a situação comunicativa, e público participante, que a recebe e reage pontualmente. Há semelhança com o modo de conduzir de um professor: proposição de tópicos e da dinâmica do diálogo/curso, exposição e pergunta, por exemplo. Adiciona-se às AE o papel de orientar e incentivar a sensibilidade do público para a cultura e a arte popular, sem que isso esteja vinculado a um programa formal ou institucional. Por exemplo, Ariano Suassuna, para recitar versos em que há mote e glosa, explica esses conceitos. Em geral, essas explicações não são dadas *a priori*, apenas como conteúdo, mas são baseadas em uma necessidade que emerge na comunicação:

(8)

516	39:30	Inf. 1	[...] é uma cantiga de mote e de e de glosa vocês sabem o sabem o que é mote e glosa? não? o mote é o motivo que a gente dá ao poeta a glosa é a variação que ele faz incluindo o/o verso que a gente deu... os cantadores do nordeste têm isso... [...]
517			
518			
519			

Trecho da Aula Espetáculo 2, de Ariano Suassuna.

É importante ressaltar que uma maior alternância de turnos, e o efeito de interatividade decorrente, depende do locutor/enunciador e como ele percebe a interação, ou seja, depende do estilo autoral. Em alguns momentos, há pedidos explícitos de participação do público, que manifesta sua avaliação, como em:

(9)

523 524	41:16	Inf. 1	[...] eu faço um acordo com vocês... se vocês não gostarem permaneçam como estão...
525	41:19	Público	((risos))
526 527 528 529 530 531 532 533	41:20	Inf. 1	mas se gostarem me deem um sinal repare isso improvisado tá certo? foi improvisado na hora eu sou testemunha... eu dei o mote [a vida venceu a morte] a ele... pois bem ele/ele fez a glosa seguinte – “na vida material cumpriu o sagrado destino... o filho de Deus divino nos deu glória espiritual... deu o bem tirou o mal livrando-nos da má sorte... sofreu suplício forte como o maior dos heróis... morreu para dar vida a nós... a vida venceu a morte” –... não é bonito não? ((batendo palmas))
534	41:58		((palmas))

Trecho da Aula Espetáculo 2, de Ariano Suassuna.

(10)

141	15:43	Inf. 1	tô certo ou tô errado?
142	18:37	Público	Certo

Trecho da Aula Espetáculo 4, de Ademir Araújo.

(11)

49	6:54	Inf. 1	[...] e eu peço uma salva de palmas pra ele que ()
50	6:55	Público	((palmas))

Trecho da Aula Espetáculo 4, de Ademir Araújo.

Faz parte ainda da composição das AE a presença de gestos, melodias e sons de instrumentos musicais, por exemplo, articulando com frequência linguagem verbal e não verbal. Essa composição é inerente à forma e função do gênero AE. Menciona-se ainda a frequência de referências artísticas citadas, o que se manifesta no uso de epítetos e avaliações, como em:

(12)

92	7:43	Inf. 1	[...] eu li um artigo de Gandhi o grande líder indiano ... [...]
----	------	--------	---

Trecho da Aula Espetáculo 1, de Ariano Suassuna.

(13)

101	9:15	Inf. 1	[...] mestre Adélcio... o grande bombardinista não é?
-----	------	--------	--

Trecho da Aula Espetáculo 4, de Ademir Araújo.

O estilo, como componente do gênero, é considerado o “elemento expressivo, isto é, a relação subjetiva emocionalmente valorativa do falante com o conteúdo do objeto e do

sentido do seu enunciado” (BAKHTIN, 2010, p. 289). Ele se manifesta na superfície linguística e dela emana um “tom”, como expressão avaliativa que constitui e afeta o discurso.

Observamos manifestação do estilo na:

- variedade vocabular;
- na preocupação em aproximar a expressão da norma padrão da língua falada (ex.: “a primei/o primeiro grande pensador”);
- na frequente adjetivação e ênfase (exs.: AE 2: “vejam que inteligência... aGUDa LÚcida... brilhante tinha Aristóteles...”; AE 4: “o pessoal não pensa pensa que a capoeira é uma coisa qualquer NÃO... é uma coisa simBÓlica e muito profunda...”);
- em marcadores conversacionais (ex.: “pois bem... então...”);
- em verbos em modo imperativo (exs.: “repare”, “vejam”, “ouçam”, “permaneçam”, “façam”);
- no questionamento retórico (exs.: “tá certo?”, “não é?”);
- em termos e expressões explicativas (exs.: “vocês viram”, “quer dizer”, “porque”);
- na presença de discurso direto nas narrativas e relatos, especialmente os cômicos, entre outros.

Há, em geral, um tom formal e solene, mas o tempo todo ameaçado, e muitas vezes sobreposto, pelo tom bem-humorado do apresentador-professor, quando usa uma linguagem relaxada e situações engraçadas que visam a reações de descontração e intimidade.

Essas são algumas das características mais estáveis do gênero AE, mas observaram-se variações que estão ligadas ao estilo autoral do apresentador-professor, como podemos ver quando um professor-apresentador opta por uma interação mais ou menos direta com o público. Sendo esse um gênero predominantemente da esfera artístico-educativa, grandes novidades são propícias à cena enunciativa, como ressaltamos sobre a natureza mais ou menos interativa entre os interlocutores.

4 Gênero oral Aula *Show*

4.1 Contextualização

As Aulas *Show* (AS) são motivo de polêmica no meio educacional. Alguns acreditam que são “aulas com *shows*”, ou seja, com artifícios lúdicos para passar o tempo das aulas, apenas para distrair os estudantes, manter a disciplina e estimular a “decoreba”. Outros, adeptos das “aulas como *shows*”, apostam no irreverente como forma de atrair a atenção e tornar o processo de ensino-aprendizagem mais significativo. Esse embate de vozes é manifestado nestes excertos sobre o tema:

O esforço do professor é tornar a aula o mais agradável possível, mas, parafraseando Einstein, “a gente pode simplificar a ciência o máximo possível, mas não mais do que o possível”. Mais do que isso é banalização (VASCONCELOS, 2005, *online*).

Temos, nós, professores, que modernizar. E isso pode se chamar aula show ou aula interessante ou aula interativa. Seja lá como for! [...] Qual o problema de fazer música com as fórmulas químicas, físicas e matemáticas? Contar piadas sobre o assunto dado para distrair por alguns minutos? [...] EDUCADOR é aquele que prepara para a VIDA. Esta é a verdadeira aula show! (HAUN, 2011, *online*).

As onze Aulas Show assistidas dividem-se, pelo que observamos, em aulas de cursos regulares de educação básica (7) e aulas de pré-vestibulares (4). Em quase todas as AS os professores fazem uso de melodias de músicas populares para recriar a letra, composta de conceitos, definições, fórmulas e chavões de incentivo ao aluno. No caso em que não se utiliza música, a estratégia é criar uma associação de um fenômeno químico com o comportamento de jovens. Os professores, vinculados a instituições formais, são, em geral, homens jovens que se apropriam do que acreditam ser familiar a seus alunos para atrair a atenção e participação deles. Os estudantes são, em geral, crianças ou adolescentes que acompanham os comandos do professor, ora timidamente, ora descontraidamente. São utilizados como recursos complementares à voz: quadros brancos ou verdes (a giz), projeção de *slide*, coreografia e instrumentos musicais. Em todos os casos há uma associação clara a conteúdos curriculares tradicionais de alguma área de conhecimento.

Não encontramos dados sobre a origem desse tipo de aula. Os vídeos assistidos são recentes, com data inicial de 2007, mas sabemos, por relatos orais, que em cursinhos pré-vestibulares o que chamamos Aula *Show* é há muito tempo não só cotidiano, como atrativo

em publicidades direcionadas aos interessados em aprovação nas universidades.

Observamos em nossa pesquisa que, em algumas publicidades online, o professor é estimulado a se tornar um “profissional de sucesso” ao dominar técnicas e métodos da Aula Show, propagadas em cursos condensados, que incentivam: “Muitas escolas têm professores que atraem alunos e seus nomes são estampados em anúncios e páginas de internet com destaque. Estão na vitrine dessas escolas. Você também pode fazer parte dessa vitrine” (OLIVEIRA, s/d, *online*). Não nos cabe aqui dizer se as AS são boas ou não, se os professores de sucesso são aqueles que adotam técnicas e métodos próprios dessa prática e ficam estampados nas vitrines, mas acreditamos que a descrição e a análise do gênero suscitam essa discussão, que pode motivar reflexões a serem exploradas em outros trabalhos.

4.2 Análise do gênero Aula Show

Disponibilizamos, para esta análise, apenas os trechos que os autores das publicações dos vídeos consideraram “aula *show*”, não incluindo neles os trechos anteriores e posteriores à cena que se quer dar a conhecer. Partimos desse recorte discursivo para delimitar a AS, já que na prática é difícil prever sua realização para coleta de dados em campo.

Como um dos elementos responsáveis por estabilizar o gênero, a temática das AS, de modo equivalente a qualquer aula, versa sobre a interação em torno de conteúdos curriculares. Porém, ficam ressaltadas as estratégias lúdicas mobilizadas na relação entre enunciador e enunciatário, papéis esses pressupostos no gênero. O enunciador é instituído como fiador dos conhecimentos curriculares e didáticos, próprios a uma formação escolar necessária aos enunciatários, de acordo com os valores sociais e institucionais pressupostos no discurso das AS. Como parte de suas funções, ele acrescenta o papel de animar e dinamizar a aula, em convergência com o simulacro do seu enunciatário. Deste é esperado o fazer interpretativo, que se realiza na adesão, na repetição e na apreensão de conteúdos comunicados nesse processo. Podemos dizer, então, que a temática das AS é constituída da interação lúdica de sala de aula em torno de conteúdos curriculares formatados em diferentes linguagens (visual, gestual, sonora e, por vezes, a mistura de várias, como nos vídeos) como tentativa de garantir

dinamicidade à relação professor-aluno-conteúdo.

Quanto à composição, uma marca registrada das AS são as paródias feitas pelos professores: as melodias são tomadas de músicas populares, atuais ou antigos *hits* (grandes sucessos), e as letras são compostas de informações específicas do conteúdo curricular e reforço positivo, conforme exemplos a seguir:

(14)

[...]			
23	0:35	Todos	<p>((cantando)) acordo logo cedo e vou estudar... no pré-vestibular que é pra passar... então vamos galera preste atenção... que hoje sua aula é sobre equação... equação do segundo grau não é um mistério... basta só igualar toda equação a zero... equação do segundo grau não é um mistério... basta só igualar toda equação a zero... xis é igual menos bê mais ou menos... raiz de delta vezes dois menos a... xis linha um xis linha dois vamos encontrar... e zero com (Bexiva) eu não vou tirar... equação de segundo grau não é um mistério... basta só igualar toda equação a zero... equação de segundo grau não é um mistério... basta só igualar toda equação a zero... vamos lá aluninhos vamos estudar... vamos todos na Unioeste entrar ((alunos param de cantar e começam a bater nas carteiras em ritmo crescente até levantarem os braços e gritarem, fazem isso repetidamente por cinco vezes))... nossa! nossa! assim tá muito fácil! ((cantando no ritmo da música Ai se eu te pego, interpretada por Michel Teló)) ai vou passar... ai ai vou passar... delícia delícia... foi ter estudado... ai vou passar... ai ai vou passar... nossa! nossa! assim tá muito fácil! ai vou passar... ai ai vou passar... delícia delícia... foi ter estudado... ai vou passar... ai ai vou passar... ((gritos e batidas nas carteiras)) ((o professor, durante a música estimula os alunos e às vezes vai até o fundo, "regendo" o coro))</p>
24			
25			
26			
27			
28			
29			
30			
31			
32			
33			
34			
35			
36			
37			
38			
39			
40			
41			
42			
43			

Trecho da Aula Show 1, de Matemática.

(15)

[...]			
96	3:00	Inf. 1	<p>só que essa musiquinha... ((mostrando o polegar para baixo)) vamos fazer o seguinte? eu não sei se a galera gosta daquela música antiga da Xuxa mas a gente vai usar uma adaptaçõzinha... é assim ó... eu falo vocês repetem... todo mundo um dois três ((cantando no ritmo da música Tindolelê da Xuxa)) vocês...</p>
97			
98			
99			
100			

101	3:14	Alunos	um dois três... ((cantando))
102	3:15	Inf. 1	tá boa! boa! todo mundo três dois um... ((cantando))
103	3:19	Alunos	três dois um... ((cantando))
104	3:21	Inf. 1	Todo mundo sobre dois... todo mundo sobre dois... e raiz
105			menos no um... ((cantando)) vocês...
106	3:25	Alunos	mais um... mais um... ((cantando o refrão da música da Xuxa))
[...]			

Trecho da Aula *Show 2*, de Trigonometria.

(16)

6	0:00	Todos	((cantando no ritmo da música <i>Uma bomba</i> , interpretada por <i>Braga Boys</i> , batendo palmas e dançando de acordo com coreografia da professora)) o (assunto é) das camadas... do planeta terra... do planeta terra... então vamos começar ((ouve-se o sinal da escola soando))... ele é formado... ele é formado... por placas... por placas... tectônicas... tectônicas... o movimento das placas... o movimento das placas... tectônicas... tectônicas... elas causam... elas causam... terremotos... tsunamis... erupção (vulcânica)... erupção (vulcânica)... nós moramos... nós moramos... na crosta terrestre... na crosta terrestre... depois vem o manto... depois vem o manto... bem lá no centro é núcleo... bem lá no centro é núcleo...
7			
8			
9			
10			
11			
12			
13			
14			
15			
16			
17	1:14	Professor	então já aprendemos...
18	1:16	Alunos	((gritos, dançando))

Trecho da Aula *Show 4*, de Geografia.

Como observamos, melodias de canções populares: *Ai se eu te pego*, *Tindolelê* e *Uma bomba* compõem a estrutura desse gênero na maior parte de suas ocorrências. Com exceção da referência à música da Xuxa, não se menciona, nas AS, os compositores e intérpretes das músicas parodiadas, do que se depreende que o uso é predominantemente didático e sem articulação à função artística das práticas originais.

Um aspecto comum entre essas melodias é explicado por Tatit (2011) como o modo de *tematização*, o qual se caracteriza pela repetição de trechos melódicos na canção, isto é, pela reiteração de excertos de melodia com o mesmo “desenho”. Segundo o autor, esse modo celebra o efeito de sentido de conjunção entre sujeito e objeto, ou seja, o sujeito, nesse caso, já atingiu o objetivo, encontra-se realizado. Da mesma forma, na letra, a repetição de trechos, que têm a função de fixar o conteúdo, são coerentes com o nível da expressão (melodia). Por

outro lado, o modo de *passionalização*, que não ocorre nos casos analisados, representa a disjunção e a busca de um objeto que não se tem ou se perdeu. Pode-se perceber, portanto, que nas escolhas dos recursos presentes nas AS fica clara a opção por *tematização*, cujo efeito pretendido, intuitivamente, é de realização, pela relação de cumplicidade e confiança com os alunos e deles com o conteúdo. Como tudo no discurso, essa não é uma escolha gratuita, como mostra Tatit (2011, p. 91):

Quem canta sabe que se não recuperar os conteúdos virtualizados na composição, durante o período da execução, deixando transparecer uma inegável cumplicidade com o que está dizendo (o texto) e com a maneira de dizer (a melodia), simplesmente inutiliza o seu trabalho e se desconecta do ouvinte.

Além da melodia, ressaltamos dos trechos das AS citados o reforço positivo como elemento persuasivo, muito próprio do contexto educativo, como no seguinte trecho da AS 1, em que se relaciona por implicação o ato de estudar e a aprovação em instituições escolares: “vamos lá aluninhos vamos estudar... vamos todos na Unioeste entrar”. Observa-se também a presença da linguagem coreográfica e de gestos coordenados, como as batidas nas carteiras, que são tentativas de envolver professor e estudantes em uma participação sincronizada, além de possivelmente extravasar a tensão dos estudos.

Ainda na estrutura composicional e, paralelamente, como componente estilístico, se identifica presença de brincadeiras do professor a partir do simulacro dos enunciatários, dos seus gostos, das suas linguagens. No trecho seguinte, os movimentos dos fenômenos químicos são associados a comportamentos sexuais e a brincadeiras comuns entre jovens:

(17)

16 17 18 19 20	0:10	Inf. 1	[...] não é assim as moléculas dos gases elas têm um movimento perfeitamente elástico... bate e volta bate e volta bate e volta e não perde energia... ou seja bate e volta bate e volta bate e não acontece nada alguém já passou por isso? <i>((a repetição na fala e os gestos indicam uma conotação aparentemente sexual))</i>
21	0:24	Alunos	<i>((risos))</i>
22	0:26	Inf. 1	como assim?... ó... exatamente como assim...
23	0:29	Alunos	<i>((risos))</i>
24 25 26 27	0:31	Inf. 1	não acontece nada... outra coisa se você esquentar/ imagine esquentando o gás você põe dentro do botijão e esquenta fruuu... é a mesma coisa que prender a irmã ou o irmão no banheiro quando estão saindo pra festa... alguém já fez isso?

28			a irmã vai se maquiar no banheiro... você rouba a chave e
29			tranca ela no banheiro... é eXatamente o que acontece com
30			as moléculas de gás... no início é assim tá meio frio... “abre
31			aí que a brincadeira acabou” ((<i>batendo no quadro</i>))
32	0:56	Alunos	((<i>risos</i>))
33	0:59	Inf. 1	you não abre... “quer abrir essa porra aí que acabou a
34			brincadeira”
35	1:01	Alunos	((<i>risos</i>))
36	1:02	Inf. 1	tá aumentando a (força) certo?... aí você fala “aí pintasilgo
37			tá preso?”
38	1:05	Alunos	((<i>risos</i>))
39	1:06	Inf. 1	pá pá... começa a chutar... dá porrada... é exatamente o que
40			acontece se você esquentar o bujão ou esquentar o gás...
41			quando você aumenta a temperatura aumenta a pressão o
42			número de choques ali concorda ou não? ((<i>batendo no</i>
43			<i>quadro</i>))... sim! bom pressão...

Trecho da Aula *Show 3*, de Química.

Nesse sentido, “falar a língua” dos estudantes não significa apenas usar gírias próprias de uma geração, mas se apropriar de vivências inscritas em um contexto sociocultural extralinguístico. Nesse exemplo, fica clara a tentativa de o professor facilitar, por comparação, a compreensão de conteúdos abstratos. Os gestos e repetição do trecho “bate e volta” sugerem um movimento e conotação sexuais e os estudantes manifestam o entendimento quando começam a rir. Também a ambiguidade da construção “como assim?” (eu “como assim”) parece ser compartilhada por todos e provocar risos. Na AS 2, observa-se uma constante preocupação em corresponder ao simulacro do aluno, pela concepção de que a persuasão será mais eficaz com uso de gírias jovens, diminutivos e promessa de uma forma mais fácil de “decorar”, sem “assustar”, por “macetes”:

(18)

43	0:16	Inf. 1	[...] os valores estarão na tabela... só um macetezinho para
44			you decorar... precisa you decorar o valor completo... faz
45			assim... é uma pequena musiquinha... não tem uma só não
46			viu? mas se liga nessa ideia... ó comigo faz assim ó um dois
47			três vai ((<i>batendo na mesa</i>))
48			
[...]			
149	5:03	Inf. 1	[...] você põe a raiz no três e no dois... a tangente é
150			diferente... não se assuste não... raiz de três sobre três um
151			raiz de três... ((<i>cantando com o acompanhamento dos</i>
			<i>alunos</i>)) beleza!

Trecho da Aula *Show 2*, de Trigonometria.

Ressalta-se, ainda, nessa AS 2 e em outras assistidas, o emprego de tabelas e desenhos de triângulos e outras formas e fórmulas no quadro como estratégia didática complementar na função de facilitar a apreensão de conceitos abstratos. Essas linguagens, atreladas à língua, parecem ter na composição desse gênero “um papel de apoio, ilustração, esclarecimento, complementação” (TRAVAGLIA, 2007, p. 58). Mesmo não sendo o foco das aulas, a diversidade de linguagens na AS é elemento essencial para sua função didática e busca do irreverente. Como explica Travaglia (2007), a(s) linguagem(ns) que entra(m) na composição de um gênero é(são) um importante critério da estrutura composicional que precisa sempre ser considerado.

Nota-se que nas explicações dos professores a preocupação é empregar os conhecimentos cotidianos em comum para se compreender o conteúdo; entretanto, não se identifica nos trechos um momento para se evidenciar a implicação do conteúdo para a prática cotidiana.

Se pudermos falar em uma organização comum ao gênero AS, ele teria como elementos mínimos: 1) a formatação de conteúdos curriculares em linguagem lúdica, em especial pela musicalização ou teatralização em sala de aula; 2) participação coletiva dos alunos na repetição e apreensão da formatação proposta pelo professor; 3) efeito cômico, que pretende ser um recurso auxiliar para a memorização. Do que pudemos observar, há sempre uma convocação pelo professor da participação dos alunos em uma atividade lúdica irreverente, que nos casos analisados sempre contou com adesão e um fechamento com risos e palmas. É importante mencionar que a forma do conteúdo/atividade da AS é um elemento criativo do qual naturalmente se espera novidade.

Além da relação enunciador-enunciatário, calcada no *eu-tu*, própria dos diálogos, sobre a configuração da cenografia da AS, podemos afirmar que o tempo cronológico é curto (máximo de 5 minutos e 34 segundos nos casos analisados). O enunciador organiza e ocupa o tempo, o *agora*, com explicações e demonstrações, incluindo a condução de como se dará a participação dos enunciatários, que ocorre, em geral, em concomitância temporal, pela repetição coletiva de paródias e, em vários momentos, com manifestação de risos. Há marcas na proposta lúdica dos enunciadores de um momento anterior de elaboração (as músicas, por

exemplo, são previamente criadas), seguida da realização oral. O espaço físico é uma sala de aula, figurativizada pela presença de quadro, carteiras, *data-show*, professor e alunos, situados no *aqui*. Essa sala de aula se insere no espaço-tempo formal da escola, o que fica claro com o sinal sonoro, comum nas escolas para sinalizar início ou término de um período, como ocorre em meio à AS 4 (ver trecho citado anteriormente). O foco da presença física e participativa oscila entre o centro da sala, ocupado pelo enunciador-professor (AS 2, AS 3) e os lugares dos alunos, com participação de todos (AS 1, AS 4). No primeiro caso, a câmera foca o professor, que tem o turno privilegiado; no segundo caso, o professor quase não aparece e os alunos participam coletivamente na maior parte do tempo, conduzidos sempre pelo professor. Temos, assim, a seguinte configuração cenográfica para as AS:

	Tempo (alternância de turno, duração curta)	Espaço (Presença dos interlocutores e do contexto situacional)
Enunciador/professor	Momento de elaboração anterior à realização da fala. Predominância de turno e organização dos turnos.	Presença ora centralizada, ora parcial (visual e sonora)
Enunciatários/estudantes	Participação concomitante e guiada pelo enunciador, duração ora curta, ora longa das reações.	Presença ora centralizada, ora parcial (visual e sonora)

São sequências tipológicas subjacentes à AS: expositiva, injuntiva, descritiva, narrativa e argumentativa, sendo mais comuns as duas primeiras, também recorrentes em aulas tradicionais.

Quanto ao estilo das AS, pode-se destacar que a formalidade da fala dá lugar ao tom lúdico e despreocupado de interações em situações informais. Paralelamente, nota-se um “falso” tom de autoritarismo e de rigidez, como forma de ironizar o comportamento do professor “bravo”, tal qual neste exemplo:

(19)

17 18	0:28	Professor	vamos lá não dá risada não! () ((<i>apontando para a aluna que faz a filmagem</i>))
19	0:30	Aluna	((<i>risos</i>)) não ()

Trecho da Aula *Show* 1, de Matemática.

São comuns como traços estilísticos:

- usos de onomatopéias (“fruuu...”, “pá pá...”, “inhaaaumm”);
- símbolos, termos e expressões próprios da cultura escolar (“equação de segundo grau”, “xis linha”, “crosta terrestre”, “temperatura”, “pressão”, “raiz”);
- gírias e palavrões (“galera”, “macete”, “porra”, “porrada”);
- uso de diminutivos (“aluninhos”, “adaptaçãozinha”, “macetezinho”);
- exclamações para demonstrar aprovação e reforço positivo (“beleza!”, “boa!”);
- perguntas, algumas retóricas e outras que buscam adesão (“beleza?”, “não gostou não?”, “concorda ou não?”, “foi ou não foi?”).

Desses traços, emerge um tom mais informal como estratégia justamente de romper o formalismo que predomina nas aulas tradicionais, sem entretanto fugir à clássica relação professor-aluno-conteúdo.

5 Novos gêneros

Um novo gênero significa uma nova forma de ação humana, nova situação de relação interpessoal de um ou entre grupos. Diante dessa consideração, precisamos retomar nossa questão inicial: são a Aula Espetáculo e a Aula *Show* de fato novos gêneros? Pretendemos responder a tal questão a partir das totalidades constituídas aqui para análise: quatro ocorrências de gêneros AE e quatro ocorrências do gênero AS.

Na introdução deste texto, mencionamos um trecho em que o enunciador da AE a define como criação própria. Marcuschi (2008, p. 163) rejeita as designações aos gêneros como uma invenção pessoal, e sim como “uma denominação histórica e socialmente

constituída”. O que o informante da AE afirma ser uma invenção, na verdade é uma *intertergenericidade*, fenômeno que, segundo Marcuschi (2008), expressa a mistura de gêneros, pela mescla de formas e funções. No caso específico da AE, podemos dizer que se emprega a forma do gênero espetáculo artístico, em que um consagrado artista é o centro dos acontecimentos, com a função de ensino-aprendizagem e discussão de determinados conhecimentos e valores da arte e cultura popular, a partir do que é habitual no gênero aula. Embora em geral a função se sobreponha à forma na determinação interpretativa do gênero (MARCUSCHI, 2008, p. 166), podemos dizer que a AE tem na forma de espetáculo e no conteúdo específico da aula (conhecimentos e saberes sobre arte e cultural popular) traços fortes do gênero e que o situam na esfera artístico-educativa. Isso se explica também pelo lugar social dos enunciadores, que se posicionam predominantemente como artistas. Podemos destacar ainda que nesse gênero híbrido há pouca preocupação pragmática, que caracteriza em geral as aulas curriculares (frequência, pontualidade e avaliação, por exemplo). Dessa forma, com base em Bakhtin (2010) e Marcuschi (2008), é possível afirmar que os gêneros aula e espetáculo se imbricam e interpenetram para constituírem o novo gênero Aula Espetáculo, que pode ser considerado um “gênero autoral” segundo classificação de Maingueneau (2004): textos que mantêm caráter de autoria pela presença de traços de estilo e caráter pessoal.

Descartamos, assim, a classificação da AE como espetáculo ou aula, uma vez que foi comprovada em nossas análises a mistura de traços oriundos desses dois gêneros. Consideramos ainda a proximidade das AE com outros gêneros, que trazemos aqui para discussão. No caso da conferência, observa-se que esse gênero não implica, em geral, uma *exposição e exibição de*, como definido para a temática da AE. Nele o enunciador propõe, de forma dominante, uma *exposição sobre* temas de caráter mais científicos e formais. Ademais, as conferências aceitam maior diversidade de temas, o que a princípio não encontramos nas AE analisadas, restritas às questões artísticas. Segundo Preti (1999, p. 75), “[...] se o falante for um conferencista, por exemplo, há a expectativa de que seu discurso seja desenvolvido dentro de uma linha assimétrica, com controle do turno e da palavra e com uso de uma linguagem tensa”. O mesmo vale para as aulas magnas. Como ressaltamos na análise das AE, mesmo com o domínio do turno pelo enunciador, o tom que sobressai nesses textos é de informalidade e relaxamento, embora com traços de solenidade.

Podemos dizer que há proximidade com o gênero oficina/*workshop*, pelo caráter prático envolvido na atividade, mas normalmente esse gênero se insere como prática mais formal e inserida em uma estrutura institucional. A Aula Espetáculo tem caráter mais pontual, informal e não institucional, como já dissemos. Além disso, em oficinas e *workshops* espera-se uma participação maior da plateia em atividades práticas, o que não é recorrente nas AE analisadas.

A Aula Espetáculo é, portanto, tomada aqui como um gênero que mescla características de uma interação menos padronizada e estereotipada, em torno de questões de arte e cultura popular, com exposição e exibição de e sobre essas questões, realizada por um enunciador e público heterogêneos. A comunicação, nesse caso, dá-se de forma mais flexível, plástica e criativa. Os ensinamentos explícitos podem se dar de diferentes formas: por explicações verbais, pela incitação a que o próprio ouvinte perceba diferença entre ritmos musicais apresentados ou mesmo pela repetição de passos de dança, ritmados por vocalizações entre outros elementos.

A Aula *Show* traz maior complexidade, pois suscita dúvida: seria um gênero ou apenas uma dinâmica diferente de aula? Podemos levantar algumas peculiaridades da AS para analisar se impactam significativamente a temática, a estrutura composicional e o estilo a ponto de ter uma identidade própria. Não há, nas interações da AS, preocupações formais típicas da composição das aulas tradicionais, como avaliações e validação de participação. Não há uma estrutura formal predefinida, mas é da natureza dos eventos trazer novidades, dando-se de forma lúdica, como atratividade para o público-alvo, cuja participação sempre é prevista na interação. O tom informal das AS se manifesta nas escolhas de termos e expressões próprias do público jovem, além de se destacarem críticas implícitas e explícitas à rigidez e formalidade das aulas tradicionais. O professor continua como porta-voz dos valores sociais da escola, mas permite entrar na sala de aula um novo jeito de ser, do que ele entende ser próprio do público jovem. Ademais, nota-se no recorte e designação dos eventos na internet um desejo de diferenciação da “aula *show*”: “Aula Show De Matemática - Muito Bom!!! Se todas as aulas fossem assim, eu não seria tão reprovado!!!”⁹.

Mesmo com elementos estilístico-composicionais próprios, não podemos negar que as

⁹ <<https://www.youtube.com/watch?v=6NSe8eEFU5g>>. Acesso em: 30 mar. 2016.

AS são trechos curtos em meio a aulas, mesmo que possam ser recorrentes no período da aula. Podemos ainda afirmar que, pela natureza dos eventos, é peculiaridade deles se realizarem em um tempo pouco extenso, com altos níveis de intensidade para os envolvidos, tal qual um *acontecimento educacional*¹⁰ (PEREIRA, 2016). Sendo assim, consideramos as AS um gênero que emerge no interior de outro, mais rotineiro: a aula. Acreditamos que, nos casos analisados, não se trata apenas de uma dinâmica diferente da aula, mas de uma nova cenografia, com diferente configuração dos papéis actoriais, temporais e espaciais. A especificidade da AS aparece inclusive explorada em publicidades de pré-vestibulares, que prometem uma “nova aula”:

A Aula Show, um evento realizado pelo [pré-vestibular] Admissão, está com inscrições abertas para sua terceira edição. Com 240 participantes em 2014, o Admissão abriu para 2015 um novo turno, agora serão 360 vagas para os turnos da manhã, tarde e noite.¹¹

Dadas, então, metodologicamente, as AE e AS como gêneros relativamente estáveis, podemos considerar o estilo de cada um dessas totalidades, como forma de conceber estabilidades fundadas na estrutura genérica, manifestada em nível discursivo, embora também seja ela aberta ao ajustamento próprio do ato de enunciar.

6 Os estilos dos gêneros Aula Espetáculo e Aula Show

É preciso observar que, como os gêneros têm diferentes autorias, podemos dizer que há diferentes estilos autorais, mas também um estilo próprio do gênero, que subjaz às totalidades discursivas postas sobre o nosso olhar analítico. Conforme Bakhtin (2010, p. 265), “todo estilo está indissolivelmente ligado ao enunciado e às formas típicas de enunciados, ou seja, aos gêneros do discurso”.

Discini (2012) defende que, de acordo com a concepção bakhtiniana de que a expressividade aparece como uma particularidade constitutiva do enunciado ou expressividade padrão de um gênero: “composição e temática se firmam como vetores do

¹⁰ O acontecimento educacional costuma ocorrer pela presença de princípios como a curiosidade e o prazer/divertimento, cujo processo fértil de realização esteia-se nas interações por ajustamento sensível entre os interlocutores, sendo, em geral, pouco extensos e muito intensos, gerando momentos seguintes mais extensos, de questionamentos e busca de compreensão (PEREIRA, 2016).

¹¹ <<http://www.cursinhoadmissao.com.br/aula-show-so-o-admissao-tem/>>. Acesso em: 31 de mar. 2016.

estilo do gênero, na medida em que arrastam ou orientam o gênero para essa mesma expressividade” (DISCINI, 2012, p. 78). De forma resumida, ao encontrar temática e estrutura composicional de um gênero, podemos depreender deles elementos essenciais que constituem o estilo desse gênero.

Nesse quadro teórico, podemos dizer que o estilo do gênero AE se orienta pela temática exposição oral e exibições diversas de e sobre expressões culturais e/ou artísticas populares, aliada a uma composição que se configura em um *eu-tu, aqui, agora/então*. Os efeitos subjetivos dessa configuração recaem sobre a organização básica de uma questão que é lançada, exemplificada e analisada pela presença de gêneros artísticos diversos que circulam no interior da AE. Subjazem a essa construção elementos artístico e didático em linguagem relaxada e bem-humorada dos enunciadores. Paralelamente, há diferentes graus de familiaridade, manifestos na interação, mas equilibrados com certo caráter de solenidade que paira sobre a AE e sobre a imagem do enunciador convidado. Acreditamos estar na orientação didática e artística da organização básica um vetor significativo na caracterização do estilo do gênero oral AE e confirmação de sua identidade genérica. Ressaltam-se ainda os valores de mistura e de criatividade que emergem de sua construção texto a texto.

De acordo com Discini (2009, p. 600), “o estilo pode ser examinado segundo cotejo feito de um texto com o próprio gênero e segundo as expectativas relativas à própria esfera”. A esfera de atividade, então, é essencial na orientação do gênero, cujo corpo apresenta marcas desse pertencimento. Dessa maneira, a esfera de atividade é importante para, inclusive, distinguir AE e AS, colocadas em comparação aqui. Enquanto a AE é marcadamente da esfera artística, o que se revela sobretudo na sua forma e conteúdo, influenciados pelo espetáculo, a AS é pertencente à esfera escolar, ocorrendo inclusive em meio a um gênero cotidiano nesse contexto: a aula.

O estilo do gênero AS, então, se orienta para a temática da interação lúdica de sala de aula em torno de conteúdos curriculares formatados em diferentes tipos de linguagem (visual, gestual, sonora ou mista) como tentativa de garantir dinamicidade à relação professor-aluno-conteúdo. A configuração enunciativa em *eu-tu, aqui, agora* garante efeito de subjetividade, sendo essencial para provocar ainda o efeito de interatividade, sincronismo e sintonia entre professor e alunos, unidos, em geral, pela entoação conjunta de cantigas criadas para facilitar

o ensino-aprendizagem. A cenografia de aula em instituição formal é mantida, ainda assim, pela predominância e poder próprios do professor, que conduz a AS, mas ressignificada pela forte presença do tom bem-humorado que atravessa a interação e serve de estratégia para se estabelecer associação memorizável dos conteúdos e também pela presença marcante da participação dos alunos. Nesse contexto, os destinatários da AS são fundamentais para que se compreendam as estratégias inscritas no gênero; conforme alerta Bakhtin (2010, p. 303): é evidente a “influência do destinatário sobre a construção e o estilo do enunciado”. A partir da observação de como se processa a temática e a estrutura composicional, encontramos um estilo inclinado a diluir as tensões entre professor e aluno em situações tradicionais de ensino-aprendizagem, na prevalência do efeito lúdico sobre a ideia de “aprender pela diversão”. Como estabilidades, compõem o vetor estilístico do gênero oral AS essa temática e estrutura composicional que afirmam os valores da didática e do lúdico, pela mobilização de recursos multimodais como elementos que permitem flexibilizar a aula e lhe dar um novo desenho.

7. Considerações finais

Pudemos observar nas análises feitas diferenças fundamentais entre Aula Espectáculo (AE) e Aula *Show* (AS): o pertencimento a diferentes esferas (artística e escolar) e espaços e o endereçamento a diferentes públicos. Essas diferenças recaem sobre a temática, estrutura composicional e estilo de cada um desses dois gêneros orais.

A AE tende para o ensino-aprendizagem pela demonstração e análise de formas artístico-literárias, a um público heterogêneo e em espaços públicos. Trata-se de um gênero calcado nas experiências vivenciadas, reconhecidas culturalmente e valoradas como positivas, relevantes e prestigiadas, sendo seu enunciador sempre uma referência da área artística e cultural abordada. Pode-se questionar se as AE poderiam acontecer em outras áreas, mas nos casos encontrados, elas são apenas destinadas às artístico-literárias: música, poesia, dança e desenho. Ainda que essa esfera permita um grande número de ajustamentos, de acordo com enunciatário, conteúdo e local, podemos afirmar que o gênero apresenta estabilidades temáticas, composicionais e estilísticas que o sustentam.

As AS se voltam para a experimentação lúdica de conteúdos curriculares e se situam

com mais estabilidade em instituições formais de ensino, sendo destinadas a estudantes em formação, com interação em salas de aula nos casos analisados, embora também possa ocorrer em outros espaços, como em praças, estádios e anfiteatros.

Observamos que esses dois gêneros se caracterizam efetivamente pela mistura, diferenciando-se justamente pelo conjunto de elementos de gêneros e discursos que eles, ao assimilar, transformam criativamente: o espetáculo/*show* e a aula. Há nesse processo de recriação movimentos de flexibilizar a formalidade da aula (AS) e formalizar as experiências sensíveis com as artes (AE), organizando esses conteúdos em ensinamento.

Em comum entre os gêneros aqui estudados, notamos uma tendência a adotar uma linguagem mais familiar, uma espontaneidade maior, uma fluência de linguagens sincréticas (mistas), favorecendo a sintonia entre os interlocutores e o encontro com os objetos e objetivos buscados.

Como interessados nas práticas educacionais, acreditamos que a partir das características desses gêneros, as aulas tradicionais possam também se apropriar de alguns elementos, de acordo com o contexto e necessidades, como benefício para o processo ensino-aprendizagem, ou mesmo provocar discussões em situações de formação de professores. Também as práticas artísticas podem a partir deste estudo promover reflexões. Deixamos, assim, questionamentos que podem ser tratados em outros trabalhos: as AE e AS trazem estratégias significativas como práticas sociais e que podem ser apropriadas por outras práticas, como as aulas tradicionais? O ensino-aprendizagem proposto nesse caso é crítico? É possível propor reflexão sobre uma manifestação artística, como na AE, sem perder de vista a fruição estética?

Referências Bibliográficas

ANDRADE, Maria Lúcia da Cunha Vitória de Oliveira. A digressão como estratégia discursiva na produção de textos orais e escritos. In: PRETI, Dino (Org.). **Fala e escrita em questão**. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2000, p. 99-128.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

COSTA, Luís Adriano Mendes. Os caminhos que se encontram em torno do armorial. **Antonio Carlos Nóbrega em acordos e textos armoriais** [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2011, pp. 65-104. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/h4dh8/pdf/costa->

[9788578791865-06.pdf](#)>. Acesso em 16 mar. 2016.

DISCINI, Norma. Semiótica: da imanência à transcendência (questões sobre o estilo). *Alfa*, São Paulo, 53(2): 595-617. 2009.

DISCINI, Norma. Para o estilo de um gênero. *Bakhtiniana*, São Paulo, 7 (2): 75-94, Jul./Dez. 2012. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/9934>>. Acesso em: 04 abr. 2016.

FIORIN, José Luiz. A internet vai acabar com a língua portuguesa? **Texto Livre: Linguagem e Tecnologia** [online], v. 1, n. 1, p. 01-8, outono de 2008. Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/textolivres/article/view/10>>. Acesso em: 18 mai. 2016.

HAUN, Gustavo Atallah. Que aula show! **O blog de redação**. [online]. Disponível em: <<http://oblogderedacao.blogspot.com.br/2011/10/que-aula-show.html>>. Acesso em: 22 mar. 2016.

INSTITUTO ANTÔNIO HOUAISS. **Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. 1 CD-ROM.

MAINGUENEAU, Dominique. Retour sur une catégorie: le genre. In: ADAM, J.-M.; GRIZE, J.-B. & BOUCHA, M. A. (Orgs.). **Texte et discours: catégories pour l'analyse**. Dijon: Editions Universitaires de Dijon, 2004, p. 107-118.

MAINGUENEAU, Dominique. **Cenas da enunciação**. POSSENTI, Sírio; SOUZA-E-SILVA, Maria Cecília (Orgs.). São Paulo: Parábola, 2008.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.

OLIVEIRA, Andréa. Professor - exercite sua liderança, controle a indisciplina e dê uma aula show. **Centro de Produções Técnicas (CPT)**. S/d. Disponível em: <<http://www.cpt.com.br/cursos-metodologia-de-ensino/artigos/professor-exercite-sua-lideranca-controle-a-indisciplina-e-de-uma-aula-show>>. Acesso em: 27 abr. 2016.

PEREIRA, Daniervelin Renata Marques. Eureka! O acontecimento educacional em gêneros digitais. In: MENDES, Conrado; LARA, Glaucia Muniz Proença (Orgs.). **Em torno do acontecimento: uma homenagem a Claude Zilberberg**. Curitiba, PR: Appris, 2016, p. 127-140.

PRETI, Dino. Tipos de *frame* e falantes cultos. In: PRETI, Dino (Org.). **Estudos da linguagem falada: variações e confrontos**. São Paulo: Humanitas, 1999, p. 71-86.

TATIT, Luiz. **Musicando a semiótica**. 2ª ed. São Paulo: Annablume, 2011.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. A caracterização de categorias de texto: tipos, gêneros e espécies. **Alfa**, São Paulo, 51 (1): 39-79, 2007. Disponível em: <<http://seer.fclar.unesp.br/alfa/article/view/1426/1127>>. Acesso em: 03 mai. 2016.

VASCONCELOS, Celso. Entrevista: Uma aula show depende do(a) professor(a) e aluno(a). **Mundo Jovem**. [online]. Edição 361, outubro de 2005. Disponível em: <<http://www.mundojovem.com.br/entrevistas/edicao-361-entrevista-uma-aula-show-depende-doa-professora-e-alunoa>>. Acesso em: 22 mar. 2016.